

UMA AUTOBIOGRAFIA SOB O SIGNO DA RUPTURA: BOITEMPO E O PACTO AUTOBIOGRÁFICO

Profa. Dra. Raquel R. Souza
Fundação Universidade Federal do Rio Grande - RS

Em 1968 Carlos Drummond de Andrade começou a publicação de sua autobiografia intitulada *Boitempo*, seguida de *Boitempo II (menino antigo)* e *Boitempo III (esquecer para lembrar)*¹. Os três volumes apresentam peças poéticas autônomas, provocando um forte sentido de ruptura em relação ao tradicionalmente reconhecido como texto autobiográfico, notadamente escrito em prosa. Concomitante à sua autobiografia e aos livros de poesia, Drummond manteve a escrita de um diário, que mais tarde foi publicado sob o título *O observador no escritório*². Apesar das contemporâneas teorias a respeito do gênero lírico, as quais entendem o discurso poético como ficção e, portanto, desfazem a ligação romântica entre sujeito lírico e poeta, gostaria de ler Carlos Drummond de Andrade como autobiógrafo, através do pacto autobiográfico proposto na série *Boitempo*.

MARCAS DA CONFISSÃO

Alguma poesia (1930) apresenta um poema de cunho autobiográfico, que foi rescrito 38 anos mais tarde para compor uma das peças de *Boitempo*. Infância faz clara menção ao cotidiano da família Drummond de Andrade, quando o poeta ainda era um menino. O texto largamente conhecido tematiza um episódio rotineiro da família. A primeira estrofe, de sentido descritivo e econômico, bem ao gosto da época modernista, localiza a personagem principal em uma época a

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973. ; *Boitempo II (menino antigo)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.; *Boitempo III (esquecer para lembrar)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. Todas as citações de poemas retirados da série *Boitempo* pertencem a essas edições, com indicações do volume e da página.

² ANDRADE, Carlos Drummond de. *O observador no escritório*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

que o título do poema se refere: menino³. A cena do quadro familiar é composta pelo pai ausente, pela mãe em atitude passiva e francamente maternal, pelo irmão menor que dormia, pelo poeta ainda menino que se aventurava na literatura pelas mãos de Robinson Crusóe e pela preta velha que ajudara a criar os filhos do Coronel.

Confidência do itabirano, de *Sentimento do mundo*, também faz sentido autobiográfico. O nome gentílico substitui o homem, perfeitamente reconhecível no poeta, que, no texto, desfia algumas de suas características. O orgulho e a tristeza provêm do ferro itabirano. O desejo de amar também é originário de Itabira. Igualmente são de lá os objetos que o enraízam no passado: uma pedra de ferro, um São Benedito, um couro de anta, o orgulho e a cabeça baixa. Por fim, a situação sócio-econômica vem de lá: o ouro, o gado e as fazendas, que pertenceram ao pai, são objetos marcados pelo verbo declinado no pretérito perfeito: *tive*.

Viagem na família, de *José*, trata de uma caminhada na companhia do espectro paterno, na qual o eu-lírico revê a casa, a montanha, a rua, os objetos do pai, as pessoas da família, a mágoa e a incompreensão. A angústia que marca sua poesia revela-se no jogo de oposições frontais entre falar e calar. Ao poeta é dada a fala; ao pai, o emudecer.

Mesmo nas peças produzidas após os poemas de *Boitempo*, Drummond está constantemente revisitando seu passado e a memória da família. Assim se dá, por exemplo, com Antepassado e Memória húngara, de *A paixão medida* (1980); Canção de Itabira, de *Corpo* (1984); e Elegia carioca e Triste Horizonte, de *Discurso de Primavera & algumas sombras* (1977). No último livro, *Farewell* (1996), o poeta abandona a perseguição obsessiva da imagem do pai. Mas há um poema, A ilusão do imigrante, que re-instala um eu-lírico-autobiográfico, cuja

³ Na sua autobiografia Drummond se refere a si mesmo quando criança com o designativo de *menino* e através desta expressão carregada de emotividade, o poeta irá estabelecer uma relação entre ele-adulto e ele-menino como seu duplo.

percepção o conduz à consciência do movimento paradoxal vivenciado pelo sujeito que se desenraíza e só vê saída no enraizar-se novamente.

São inúmeros os exemplos de textos produzidos sob o império da memória familiar. Todos eles, de uma maneira ou de outra, tentam a realização daquilo que o poeta declara em Mundo grande:

*(...) Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
por isso me grito,
por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias⁴*

A vontade de se mostrar, entretanto, não impede a consciência do jogo ficção&realidade inerentes a todo processo autobiográfico. O Poema-orelha registra:

*(...) Aquilo que revelo
e o mais que segue oculto
em vítreos alçapões
são notícias humanas,
simples estar-no-mundo,
e brincos de palavra,
um não-estar-estando,
mas de tal jeito urdidos
o jogo e a confissão
que nem distingo eu mesmo
o vivido e o inventado.(...) (p. 219)*

Nos poemas de teor autobiográfico, espalhados por seus diversos livros de poesia, o poeta faz a intermediação com o passado através da vivência do duplo, característica do gênero autobiográfico, tanto na estrutura composicional narrador e protagonista, quanto na tematização *eu-atual* e *eu-do-passado*. De uma forma mais branda, porém inequívoca, Drummond cinge-se em *eu-atual*, o sujeito lírico dono da enunciação poética, e em *eu-do-passado*, o ator principal do enunciado, o qual, na grande maioria dos exemplos, é nomeado de *menino*. Portanto, procede a

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*: dez livros de poesia. 7ª edição. São Paulo: José Olympio, 1976. p.60. Todas as demais citações serão retiradas dessa edição com indicação da página.

leitura de *Boitempo* como obra de franca intenção autobiográfica, pois a proposta não lhe é desconhecida.

O PACTO E AS EXPLICAÇÕES

O pacto autobiográfico encerra um movimento circular e vicioso. O autor propõe um direcionamento para a leitura, e o leitor aceita mediante algumas cláusulas a ele colocadas pelo texto preambular, pela explicitação do *eu* na malha textual e pelo paratexto que acompanha a obra. A questão problematiza-se um pouco, na medida em que *Boitempo* não apresenta um texto intermediário explicativo, como é usual nas autobiografias “tradicionais”. Os poemas preambulares que abrem os volumes da série não explicitam o ato autobiográfico. Dos três, o mais significativo para este contexto é Intimação, de *Boitempo III*, que diz:

- *Você deve calar urgentemente
as lembranças bobocas de menino.
- Impossível. Eu conto o meu presente
Com volúpia voltei a ser menino. (Boitempo III, p.3)*

O PACTO E O PARATEXTO

Antonio Candido considera *Boitempo* como uma autobiografia poética em que concorre um princípio individualista com referencial na realidade concreta e um princípio ficcional, já que a obra se concretiza a partir de *recursos expressivos próprios da ficção e da poesia*. Mais adiante afirma que *Boitempo é autobiografia através de poesia*⁵. Affonso Romano de Sant’Anna faz rápida menção a *Boitempo* como *autobiografia*⁶. Luiz Costa Lima, no entanto, trabalha mais

⁵CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p.54.

⁶SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

detidamente com essa perspectiva⁷. Etiketando a série *Boitempo* com o designativo de *memorialismo poético*, aponta para uma *autobiografia da meninice*, a despeito de o texto estar apresentado sob a forma de poemas. Adverte que a presença do verso é um disfarce para a prosa e que as cenas reproduzidas pelos poemas não se enquadram em uma composição autobiográfica tradicional.

O assentamento de um contrato de leitura, em que seja priorizado o conteúdo autobiográfico, começa, assim, a se firmar com maior nitidez. O paratexto confirma e respalda o *pacto autobiográfico*.

No livro *O observador no escritório*, Drummond inicia suas anotações no ano de 1943, quando contava quarenta e um anos. Sintomaticamente, o poeta em 1979 dá por finda suas *memórias poéticas*, quando se profissionaliza como homem das letras, assumindo o posto de jornalista no Jornal **Diário de Minas**, de Belo Horizonte. O ano a que se refere, no final de *Boitempo III*, é o de 1928, quando, então, contava vinte e seis anos de idade. O que lhe sucede neste período de quinze anos, não relatado nem em *Boitempo*, nem em *O observador no escritório*, fica circunscrito a uma ferrenha privacidade.

O texto preambular do *diário*, assinado com as iniciais do autor mineiro, propõe um *pacto autobiográfico*, estabelecendo a tripla identidade autor/narrador/personagem principal. Ao mesmo tempo, mina-o com a possibilidade de que o leitor não tome suas anotações neste *diário* como completas. Isso permite, e parece que é este um de seus desejos, introduzir lacunas, as quais não serão desvendadas ao leitor.

⁷LIMA, Luiz Costa. Drummond: as metamorfoses da corrosão!. In: *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

AS MARCAS DO AUTOBIÓGRAFO

O conhecido constrangimento à publicação de sua vida privada também se encontra em *Boitempo*. Para o autobiógrafo, não há como confiar integralmente naquilo que narra. O poema Dois rumos, de *Boitempo III* tematiza a inserção de elementos ficcionais na sua escrita:

*Mentir, eis o problema:
minto de vez em quando
ou sempre, por sistema?*

*Se mentir todo dia,
erguerei um castelo
em alta serra*

*contra toda escalada,
e mais ninguém no mundo
me atira seta ervada?*

*Livre estarei, e dentro
de mim outra verdade
rebrilhará no centro?*

*Ou mentirei apenas
no varejo da vida,
sem alívio de penas,*

*sem suporte e armadura
ante o império dos grandes,
frágil, frágil criatura?*

*Pensarei ainda nisto.
Por enquanto não sei
se me exponho ou resisto,*

*se componho um casulo
e nele me agasalho,
tornando o resto nulo,*

*ou adiro à suposta
verdade contingente
que, de verdade, mente. (Boitempo III. p.45-46)*

O poema retrata, naturalmente, um conflito típico nas crianças: a mentira. O título do capítulo no qual está inserido este poema, *O menino e os grandes*, fornece esta

contextualização. Por outro lado, também trata dos processos essenciais à sobrevivência do poeta. O ato de mentir, sistemático ou ocasional, funciona como estratégia de salvaguarda. Encastelar-se no alto das montanhas, metáfora que se constrói a partir de um pleonasmo, é lançar mão constantemente da invenção, da fabulação, da imaginação, o que impediria a aproximação e a intimidade dos outros em relação ao eu-lírico.

A forma poemática para a escrita autobiográfica, em detrimento da forma narrativa, implica economia verbal, o que igualmente respalda a sua conhecida timidez. O poema Os chamados é elucidativo, pois o fato transcrito pelo autobiógrafo ganha uma visceral forma reduzida:

*Elias vive 8 dias.
Sua biografia está em duas linhas paroquiais
e já surge Lincoln
chamado a viver 3 meses e 23 dias.
Antônio resiste
1 ano, 5 meses, 3 dias.
João de Deus: 2 anos, 9 dias.
Vem Sílvio: 4 meses e 3 dias.
E vem Olavo: 1 ano e 17.
Geraldo vive uma eternidade: 3 anos, 5 dias.
Flávia não vai além de 27.
É tempo de parar
e chorar.
Os outros seis, que deus os vai poupando,
acenando que esperem - para quê?(Boitempo I. p.66)*

Essa espécie de relatório não explica as mortes dos irmãos. Apenas menciona os nomes, com as respectivas durações de vidas, medidas em dias, meses e em 3 anos. Viver significa “resistir”. A morte, assim, é admitida por eufemismos. A dor da perda, a sensação do desamparo e o medo que a presença da morte provoca ficam encobertos pela escassez de explicativos. Não há menção ao sentimento, tanto do narrador, quanto da perda sofrida pelos pais. O poema registra apenas aquilo que o poeta permite ao leitor: a morte prematura de oito filhos do casal Drummond de Andrade.

O PACTO E O PROTAGONISTA

Um outro elemento que substancia o pacto autobiográfico fica por conta do protagonista. Apesar do uso indiferente do **eu**, do **menino**, ou ainda da indeterminação da terceira pessoa, todas as formas de enunciação de *Boitempo* correspondem ao mesmo sujeito. Ocorre que a diferenciação de pessoas de poema para poema permite uma visão que propicia o *ver-se do lado de fora e de longe*. Mesmo assim, alguns textos são significativamente assinalados com o mesmo nome do frontispício dos livros. O primeiro poema em que o sujeito lírico declara seu nome é Etiqueta, sintomaticamente muito visitado pela crítica. O poeta dispõe em dísticos sua genealogia. À afirmação do pré-nome Carlos, reiterada por vinte e uma vezes, segue a marca familiar dos diversos sobrenomes na formação da família.

Em *Boitempo I* são poucas as vezes em que o sujeito lírico pessoaliza-se num **eu** explicitamente nomeado Carlos. No mais das vezes, a primeira pessoa do discurso poético assume a identificação com Drummond, sem, contudo, nomear-se como tal. Mas essa falta de autonegação não causa discrepância em relação ao pacto autobiográfico, pois o leitor pode, perfeitamente bem, identificar o sujeito expresso pelo poema com o homem que se torna menino a fim de visitar seu passado:

*Ô de casa! ... Que casa? Que menino?
Quando foi, se é que foi - era submersa
que me torna, de velho, pequenino?(Boitempo I, p.97)*

Já em *Boitempo II*, o poema A Montanha pulverizada, no primeiro quarteto, indica o sujeito que se expressa. Utilizando a primeira pessoa como declinação verbal, o eu-lírico assume explicitamente as responsabilidades do discurso, demonstrando, com isso, de quem trata o poema:

*Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrade que passaram*

e passarão, a serra que não passa.(...).(Boitempo II, p.42)

Os verbos marcam a presença do eu-lírico: *chego* e *vejo*. Por outro lado, a inclusão explícita do pai e do avô resgatam-no da indefinição nominal. O nome familiar *Andrade* remete, incontestavelmente, à família. O nome paterno é dado para indicar a ascendência daquele que fala e também para marcar a descendência orgulhosa da família possuidora de bens tamanhos que até a serra lhes pertence.

E, por fim, no volume *Boitempo III*, completando sua trilogia autobiográfica, Drummond, no capítulo *Notícias de clã*, novamente inscreve-se no texto com designativos que não permitem dúvidas acerca da identidade do sujeito que se expressa e de quem se fala:

Brasão
Com tinta de fantasma escreve-se Drummond.
É tudo quanto sei de minha genealogia.(Boitempo III, p.29)

Ainda no mesmo volume, porém no capítulo *Mocidade solta*, o poema O senhor diretor narra um episódio ocorrido na redação do Jornal em que o poeta trabalhou em suas primeiras experiências profissionais como homem das letras. O fragmento é elucidativo:

- Alguma novidade?
Deu destaque ao aniversário do Presidente?
Sai o retrato dele em três colunas
no alto da primeira página?
No centro da página, é claro?
Não precisa noticiar a partida do deputado Leleco.
Não está em boas graças no Palácio.
Bem, até amanhã.
Veja lá, Drummond, eu confio em você.(Boitempo III, p.174)

Há poemas, também, em que a autonegação não está de forma direta no texto. Mas isso não invalida o critério da identidade autor/personagem principal. O leitor é levado, por uma série de nexos causais, a fazer a identificação do sujeito lírico com o **eu** empírico do poeta:

*Gente grande não sai à rua,
menino não sai à rua
sem escovar bem a roupa.
Ninguém fora se escandalize
descobrimdo farrapo vil
em nossa calça ou paletó.*

*Questão de honra, de brasão.
Ninguém sussurre:
A família está decadente?
A escova perdeu os pêlos?
A fortuna do Coronel
não dá pra comprar escova?*

*Toda invisível poeirinha
ameaça-nos a reputação.
Por isso a mãe, sábia, serena,
sabendo que sempre esqueço
ou mesmo escondo, impaciente,
esse objeto sem fascínio,
me inspeciona, me declara
mal preparado para o encontro
com o olho crítico da cidade.
E firme, religiosamente,
vai-me passando, repassando
nos ombros, nas costas, no peito, nas pernas,
na alma talvez (bem que precisava)
a escova purificadora. (Boitempo III. p.36.)*

O texto informa um episódio familiar bastante prosaico. Mãe e filho relacionam-se sob o imperativo do asseamento do menino. Ela tem a incumbência de zelar pela boa reputação do filho, já que este é um dos representantes da família que porta um brasão. Para desempenhar sua função de guardiã, passa a escova desinfetante. Nos versos iniciais, o sujeito lírico se apresenta com uma aparente impessoalidade e distanciamento, para somente nos finais assumir a primeira pessoa do discurso. A segunda estrofe é, dentro dessa perspectiva, enunciativa desta identidade. Numa relação com o futuro da família Drummond de Andrade, os versos *A família está decadente?* e *A fortuna do Coronel / não dá pra comprar escova?* prenunciam a falência que se concretizará poucos anos mais tarde.

Por fim, gostaria de salientar que, corroborando o sentido autobiográfico perseguido

neste trabalho, as inúmeras referências a pessoas reais, a acidentes geográficos, a entidades governamentais, a fatos históricos de domínio público que os mais diversos poemas tematizam aumentam a credibilidade em relação aos fatos e acontecimentos narrados pelo autobiógrafo-poeta. Assim, o leitor tem a possibilidade de verificar as referências para assegurar-se do pacto autobiográfico, referências essas que, na maioria das vezes, encontram-se também em diversas peças poéticas espalhadas em sua obra.